

O Cotidiano de Alunos com Necessidades Educativas Especiais e o Preparo Docente: Um Olhar Crítico sobre a Proposta de Inclusão.

Bruna C. de França Silva ¹*(IC), Daysiane S. de Souza ¹(IC), Joyce de S. Ferreira ¹(IC), Luciano B. de Jesus ¹(IC), Janelane de J. Santos ¹(IC), Josevânia T. Guedes ¹(PQ). cfs-bruna@hotmail.com

1-Faculdade Pio Décimo – Avenida Tancredo Neves, nº 5655, Bairro Jabotiana, CEP 49095-000- Aracaju-SE.

Palavras-Chave: Inclusão, Ensino, Química.

Introdução

De acordo com Mendes (2004) a grande maioria dos alunos com necessidades educacionais especiais estão fora de qualquer tipo de escola. Tal quadro indica muito mais uma exclusão escolar generalizada dos indivíduos com necessidades educacionais especiais na realidade brasileira, a despeito da retórica da integração escolar.¹

Os mais otimistas, a vêem como uma iniciativa positiva, que traz consigo a possibilidade de resgatar princípios essenciais para qualquer convívio, dentre eles a solidariedade e o respeito às diferenças existentes em cada um de nós. Os contrários, a enxergam apenas como um termo utilizado para classificar a recepção de uma parcela excluída da sociedade, em seu território particular.

Mas e na prática, como tem sido efetuada a inclusão destes alunos? E a formação docente, peça chave desta proposta, tem recebido a atenção necessária para assegurar bons resultados?

O levantamento a seguir procurou responder a estes questionamentos, através da investigação do ambiente escolar, desenvolvido por um período de três meses em escolas públicas e privadas desta capital. Sobretudo, pela análise da concepção do professor de Química, com relação à política de inclusão e de sua metodologia ao receber este aluno. Bem como a análise do rendimento deficiente auditivo e visual, nesta disciplina.

A técnica de coleta de dados utilizada foi basicamente a descrição oral, obtida através de um gravador portátil e complementada através de questionário e, especificamente no que se refere ao aluno com deficiência auditiva, o acompanhamento de um intérprete de libras. Participaram deste estudo dez professores, com experiência mínima de cinco anos, e seis alunos com N.E.E (Necessidade Educativa Especial), sendo três cegos três surdos.

Resultados e Discussão

A metodologia, descrita pela maior parte dos docentes, demonstra ter como base, o improvisado e a superação de ambas as partes. Do educador que, sem a devida capacitação, desenvolve técnicas e recursos alternativos para ministrar suas aulas e dos alunos, quando se esforçam para aprender uma disciplina com considerável grau de dificuldade, sem materiais didáticos ou condições adequadas. Apenas um, dos dez docentes, alegou ter tido um preparo prévio para o trato com pessoas deficientes.

Desta forma, por unanimidade, observamos uma rejeição destes alunos à disciplina, associada ao baixo índice de aproveitamento. Sendo a cegueira apontada, por oito dos dez docentes, como a pior limitação quando se trata do desenvolvimento e aprendizagem em Química.

Conclusões

Segundo Góes e Laplane (2004, p.2): “As dificuldades e os desafios postos pela inclusão escolar são das mais variadas ordens e estão ligados à organização da nossa vida em sociedade, aos valores que nela prevalecem às prioridades definidas pelas políticas públicas, aos meios efetivamente disponibilizados para a efetivação dessas políticas, aos fatores relacionados à formação de docentes [...] condições que afetam o desempenho acadêmico e a formação pessoal de sujeitos que apresentam deficiências ou outras características que os introduzem na categoria de alunos especiais”.²

Assim, diante dos resultados obtidos neste estudo, foi possível concluir que, atualmente, pratica-se a integração do aluno com necessidade educativa especial que, aliada ao despreparo docente e ao preconceito, contribui para a efetivação de uma metodologia que apregoa a inclusão, mas na prática desconhece seus fundamentos e colhe os frutos da simples ‘aceitação’ destes alunos.

Agradecimentos

Aos alunos e professores que colaboraram resolvendo os questionários e dando seus depoimentos. Ao intérprete de Libras, que nos acompanhou durante as entrevistas aos alunos surdos e à direção acadêmica da Faculdade Pio Décimo, por nos proporcionar seminários onde pudemos conhecer e refletir um pouco mais acerca da vivência de alunos com N.E.E (Necessidade Educativa Especial).

¹ Mendes, Enicéia G. A educação inclusiva e a universidade brasileira, UFSC. 2004.

² Góes, M. C. R.; Laplane, A. L. F. Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, p. 1-5, 2004.